

INTZAURGARAT: ENTRE YACIMIENTOS E PETROBRÁS NÃO DEVE HAVER SEGRÊDOS

Diário de Notícias

TERCEIRA SEÇÃO

DOMINGO, 18 DE AGOSTO DE 1957

ECONOMIA E FINANÇAS

Dentro de Seis Anos Estará a Argentina Exportando Petróleo SUPERADA A FASE DA SIMPLES PESQUISA

DURANTE sua recente viagem à Argentina, nosso redator Rubem Braga, depois de suas reportagens políticas, dedicou cerca de dez dias a estudar a situação petrolífera. Fará, assim, para o «Diário de Notícias» uma série de notas sobre o assunto. Começa pela parte final de seu trabalho: esta entrevista com o gen. Intzaugaray, presidente de YPF.

Reportagem de RUBEM BRAGA
(Enviado Especial do «Diário de Notícias»)

«— Creio não ser nada otimista afirmando que dentro de 6 anos a Argentina produzirá mais petróleo do que necessita, e passará a exportar».

Quem me diz isso é o general Alfredo Intzaugarat, presidente de YPF (Yacimientos Petrolíferos Fiscales), empresa estatal argentina.

Temos alguns dados em mão e os conferimos com o general. A Argentina está produzindo hoje cerca de ... 5.500.000 metros cúbicos de petróleo por ano, e consumindo cerca de 12.500.000 metros cúbicos — (Um metro cúbico tem mil litros, e um barril tem 169 litros; se o leitor quiser trocar as coisas em barril, que é a medida mais usada no Brasil, deve levar em conta, portanto, que um metro cúbico equivale a mais ou menos 6,3 barris).

Em linguagem de divisas: a Argentina está gastando anualmente mais de 200 milhões de dólares na importação de petróleo e derivados. Se o general pensa que dentro de 6 anos o petróleo poderá passar a ser uma fonte e não um sorvedouro de divisas, ele tem bons motivos para isso, e nós conhecemos o principal desses motivos: os surpreendentes poços de Madrejones e Campos Durán, na fronteira da Bolívia, que visitamos antes de entrevistar o general

em seu amplo salão do edifício da Diagonal Norte.

Em 1955 veio à Argentina um técnico das Nações Unidas convidado especialmente pelo governo para dizer quais as reservas comprovadas do país — e ajudar, assim, o governo a obter no exterior os recursos necessários à sua exploração. Esse técnico, o sr. Elliot, calculou em 135 milhões de metros cúbicos essas reservas. Isso foi uma notícia no mundo do petróleo. A abertura de novos poços depois disso fez com que as reservas fossem avaliadas em 350 milhões de metros cúbicos. Trata-se, insistimos, de reservas comprovadas, isto é, aquelas cujo volume se verificou pelas perfurações efetuadas nas jazidas em produção. O problema argentino não é mais, portanto, igual ao brasileiro; não se trata mais de procurar petróleo, embora naturalmente isso se continue a fazer. O problema vital e imediato é o do transporte; se neste momento houvesse transporte suficiente para que se pudesse destampar todos os poços argentinos e deixar o petróleo vir à tona a produção já daria praticamente para o consumo.

Ao mesmo tempo que toma algumas medidas imediatas para melhorar o transporte (mais vagões tanques para Mendoza, mais barcos tanques para trazer o petróleo pelo rio de Formosa para Santa Fé) o governo enfrenta o problema em termos definitivos: anulada a concorrência que se havia feito, YPF ficou porém autorizada a contratar, na base de negociações, com uma empresa argentina (TIPSA) que representa várias firmas estrangeiras, a construção do oleoduto Campo Durán-San Lorenzo e o gazoduto Campo Durán-Buenos Aires, além das necessárias instalações

para tratamento do petróleo em Campo Durán. A mesma firma ficou com opção por um ano para contratar a construção de sistema de escoamento do petróleo de Mendoza. Os contratos a serem assinados agora montam a 244 milhões de dólares; o prazo para execução dos serviços é de 27 meses e meio. É por este motivo que o general Intzaugarat pode nos dizer:

«Em 1958 esperamos produzir 5.870.000 metros cúbicos; em 1960 chegaremos a 11 ou 12 milhões de metros cúbicos. Como o consumo aumenta em cerca de 6,5 por cento ao ano, ele deverá andar então pela casa dos 15 milhões. Como disse, estou certo de que dentro de seis anos conseguiremos atingir o consumo do país, e superá-lo».

UMA EXPERIÊNCIA NA TERRA DO FOGO

É claro que a política argentina é ir diminuindo cada ano seus gastos de divisas com petróleo; assim, enquanto os maravilhosos poços do Norte não podem ser plenamente aproveitados intensifica-se o aproveitamento das bacias petrolíferas de Comodoro Rivadavia (onde há 50 anos jorrou pela primeira vez petróleo na Argentina) e Neuquen. YPF trabalha com equipamento em parte fabricado na própria Argentina, em parte importado; mas seu pessoal é hoje todo argentino. Despertou muitos comentários, por isso, a notícia de que YPF contrataria com empresas estrangeiras a perfuração de poços na Terra do Fogo. Isso significaria mudança da política estatal? Os trustes inglês e americano, hoje melancolicamente reduzidos, em matéria de extração, a explorar velhos poços em vias de esgotamento, teriam novas «chances»?

O general nos esclarece:



PROBLEMA NÚMERO UM Transporte: eis o problema número um do petróleo argentino. A gravura mostra a abertura de uma picada para passagem do oleoduto que levará o petróleo dos riquíssimos poços de Campo Durán à destilaria de Santa Fé.

«Não, não é nada disso. Não se trata de concessões. Também não é exato o que se propalou, de que as empresas teriam uma porcentagem no petróleo. O que há é o seguinte: abrimos uma concorrência para prestação de serviços que serão pagos em dinheiro. A firma que vencer essa concorrência contratará conosco a execução de obras determinadas, isto é: perfurar tantos poços em tais lugares, até tantos metros. Trata-se de firmas especializadas em perfurar, como existem muitas no estrangeiro, principalmente nos Estados Unidos. Sabemos que na Terra do Fogo há petróleo a uma profundidade de 2.200 a 2.400 metros. Enquanto executamos outros serviços em outras bacias com nossas equipes de perfuração, contrataremos com uma dessas firmas particulares (as concorrentes são em número de 7, e até o fim do mês o assunto deve estar decidido) os trabalhos de perfuração na Terra do Fogo. É uma espécie de experiência que vamos fazer, e uma experiência limitada à Terra do Fogo».

Observamos ao general que

os resultados dessa experiência não poderão deixar de interessar a Petrobrás.

COOPERAÇÃO YPF-PETROBRÁS

O general Intzaugarat esteve recentemente no Brasil visitando as instalações da Petrobrás, e aprova nossa observação:

«A experiência da YPF pode e deve ser útil à Petrobrás, e vice-versa. Brasil e Argentina estão na mesma luta. Cada um de nossos países, em vias de industrialização, empenha-se em se libertar dos enormes gastos de divisas com petróleo e seus derivados, e busca para o problema uma solução nacional, que os grandes trustes não nos podem oferecer, nem lhes interessa. Tive uma excelente impressão de minha visita à Petrobrás; ela está com um grande impulso. («Empuje» é a energética palavra usada pelo general.) Uma coisa me impressionou muito bem: o grande número de engenheiros jovens e de universitários trabalhando lá. Trabalhando e aprendendo; a Petrobrás forma rapidamente

(Conclui na 4ª página)

374